

Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições*

A Psychoanalytic introduction to the work with groups in institutions

Una introducción psicoanalítica al trabajo con grupos en instituciones

Pablo Castanho

Resenha feita por Carla Penna**

O livro de Pablo Castanho, *Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições*, é uma grata surpresa para o leitor brasileiro. O autor é pioneiro da nova geração de profissionais brasileiros, entusiasmados com a teoria e a técnica do trabalho psicanalítico com grupos, especialmente em relação à sua relevância para enquadres institucionais. Introduce de forma clara e inteligente um novo paradigma para o trabalho com grupos no país, baseando-se em contribuições de autores da Escola Francesa, especialmente René Kaës, nutrido ainda da influência dos trabalhos clássicos dos argentinos Pichon-Rivière e José Bleger. Exponente da psicanálise mundial, Kaës brinda o autor com um importante e generoso prefácio, que faz juz não apenas ao talento de Pablo, mas ao seu empenho na retomada da teoria da técnica do trabalho com grupos psicanalíticos no Brasil.

O livro é dividido em três partes que se complementam e que se constituem mutuamente. No primeiro capítulo da Parte I, Castanho apresenta as bases conceituais para pensar o trabalho psicanalítico com grupos, focalizando as interrelações entre o sujeito, o vínculo e o mundo através de dois capítulos que discutem, respectivamente, o sujeito e as alianças inconscientes e atualizações no conceito de enquadre. Inicia sua apresentação apontando para o duplo estatuto do sujeito, que revela a cisão inerente e constitutiva do sujeito, constituído através de um duplo apoio, corporal e intersubjetivo (p.54). Em Kaës, portanto, “o sujeito individual já é plural desde o início e o sujeito do inconsciente nada mais é do que o sujeito do vínculo/o sujeito do grupo” (p.56). A partir do conceito chave de alianças inconscientes “fundamenta e operacionaliza o trabalho com grupos em contextos vinculares” (p.67).

* Resenha do livro: Castanho, P. (2018). *Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições*. São Paulo, SP: Linear A-barca.

** Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-RJ. Psicanalista do CPRJ. Ex presidente da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio de Janeiro e da Associação Brasileira de Psicoterapia de Grupo. Membro efetivo da Group-Analytic Society International. Email: drcarlapenna@gmail.com

Ainda no primeiro capítulo, o leitor é contemplado com as características das alianças inconscientes, suas configurações vinculares e seus aspectos, estruturantes e defensivos. Esta exposição permite que se apreenda em detalhes como Kaës concebe o sujeito do vínculo e como as diferentes alianças inconscientes são cocriadas em grupos psicanalíticos. Nessa direção, a temática dos contratos narcísicos e dos pactos denegativos, de Piera Aulagnier, redimensionados por Kaës, podem ser compreendidos.

No segundo capítulo, Castanho explora o conceito de enquadre, de Bleger (1967/1977). A noção de enquadre ampliou a reflexão sobre o setting da psicanálise individual, como também, permitiu a compreensão de aspectos primitivos e psicóticos presentes no trabalho analítico em instituições. André Green, René Kaës, René Roussillon e outros psicanalistas, vêm se utilizando do conceito de enquadre para renovar considerações sobre momentos primitivos do desenvolvimento subjetivo (p.94). Assim, cotejadas por Kaës e discutidas por Castanho, as funções de continente, limite, transicionalidade, apoio, figurabilidade e simbolização do enquadre (p.109) revelaram seu papel no trabalho analítico. Além disso, a noção de metraenquadre, postulada por Kaës, permite renovar, de forma dialética e não sistêmica, as considerações de Bleger (1971) sobre o fato “das instituições tenderem a padecer dos males que buscam tratar (Bleger, 1971, p. 89). Os metaenquadres remetem ainda a uma psicodinâmica institucional atravessada pelas “homologias funcionais” de Jean-Pierre Pinel presentes na vida inconsciente e nas transmissões psíquicas nas instituições, tal como discutidas por Castanho (p. 122).

A parte II do livro apresenta três capítulos bem delineados que exploram o dispositivo de grupo em psicanálise, com destaque para os processos associativos e para o papel *princeps* do conceito de tarefa dos grupos operativos de Pichon-Rivière (1980). O conceito de tarefa é utilizado por Castanho como fio condutor ou mesmo “termômetro” para a compreensão de aspectos contra-transferenciais envolvidos na atividade de supervisão de grupos institucionais. Nestes contextos, dificuldades inerentes às correspondências e disjunções entre tarefa, enquadre e metaenquadre, revelam alianças inconscientes e pactos denegativos cocriados entre pacientes, equipes disciplinares e políticas públicas. Nesta direção, torna-se primordial o desenvolvimento da “escuta da escuta” (p.15) na supervisão para desfazer “mal-entendidos” e buscar, via reflexão sobre a tarefa, a construção de um Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO) comum (Pichon-Rivière, 1980) para o desenvolvimento do trabalho grupal na instituição.

No capítulo quatro são discutidas as modalidades de transferência e contra-transferência nos grupos, bem como a importância das fantasias originárias como organizadores psíquicos grupais. Por sua vez, no quinto capítulo, são exploradas as questões técnicas, especialmente a interpretação e o manejo de grupos em contextos institucionais. Ainda na parte II, destaca-se a importância do trabalho com objetos mediadores de Claudine Vacheret e René Kaës, e a discussão sobre a problemática

da simbolização, tal como investigada por Roussillon e Anne Brun (p.182). São contribuições importantes para o trabalho com grupos na contemporaneidade, já que os pacientes difíceis da clínica atual demandam mudanças na técnica e no enquadre dos tratamentos analíticos. Assim, trabalhos com objetos mediadores permitem que pacientes com dificuldades nos processos de simbolização primária, beneficiem-se de dispositivos grupais de atendimento.

Na parte III, Castanho brinda-nos com o segmento mais complexo de seu livro, ao articular os pressupostos teóricos apresentados nas partes I e II, com o trabalho de campo, via supervisão. Para tal, apresenta três exemplos de supervisões clínicas conduzidas em contextos institucionais. Este é, no entanto, o maior desafio da proposta de Castanho que se depara com dificuldades de implementação de uma psicanálise genuinamente de grupo nas instituições brasileiras. Diferentemente de outros países onde, apesar dos entraves, existe uma cultura (Bion, 1948) mais favorável ao trabalho com grupos. No Brasil esta cultura é praticamente inexistente.

Assim, na ausência de políticas públicas e de uma formação teórico-clínica adequada para os profissionais, improvisações de caráter messiânico, “heroico” como Castanho apontou, predominam. A falta de suporte institucional, a precariedade dos enquadres disponíveis e o despreparo dos profissionais de saúde torna-se visível no relato das supervisões. No entanto, como em uma casca de noz, refletem a vulnerabilidade e o sofrimento de pacientes e profissionais de saúde que em diferentes contextos institucionais brasileiros, espelham e reproduzem a dura realidade do país.

Nesta direção, é importante retomar o desafio inicialmente proposto por Castanho: refletir sobre “a polimorfia que o trabalho com grupos em instituições assume (...) buscando compreende-la psicanaliticamente” (p.35). Apaixonados por grupos, como Pablo Castanho, não se deixam intimidar por dificuldades, fazendo delas fonte de reflexão, investigação científica e trabalho clínico, talvez por acreditarem que algum dia será possível através de dispositivos grupais diminuir a dor e o sofrimento psíquico e social dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. (1948). *Experiências com Grupos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970.
- Bleger, J. (1977). *Simbiose e Ambiguidade*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
(Obra original publicada em 1967)
- Bleger, J. (1971). *Temas de Psicologia*. Buenos Aires, Argentina: Nueva Vision.
- Pichon-Rivière, E. (1980). *O Processo Grupal*. São Paulo, SP: Martins Fontes.